JOCA REINERS TERRON

Noite dentro da noite

— uma autobiografia

Companhia Das Letras

Copyright © 2017 by Joca Reiners Terron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa
Hole, Brendan Monroe, 2012, nanquim e guache sobre papel, 28 × 20,5 cm, coleção particular

Preparação
Beatriz Antunes

Revisão
Carmen T. S. Costa
Nina Rizzo

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terron, Joca Reiners
Noite dentro da noite : uma autobiografia / Joca Reiners Terron. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2876-1

1. Ficção brasileira I. Título.

17-01383 CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/ciadasletras

Dedicado àqueles que aparecem
e desaparecem nestas páginas,
pessoas cujas vidas ao serem escritas
se transformaram em outra realidade

Para Egípcia do Crato

E os fantasmas
eles são donos de tudo

GRAHAM FOUST

Sumário

1. História do esquecimento, 11
2. O Ano do Grande Branco, 35
3. Fotografia de um fantasma, 71
4. A narrativa de Karl Reiners, 117
5. O rosto sob a máscara, 151
6. O homem desfigurado, 181
7. A mulher das lontras, 217
8. História do fenobarbital, 245
9. El Cazador Blanco, 275
10. O Salve-Todos, 297
11. Verdadeira história de Curt Meyer-Clason, 329
12. A rata no labirinto, 375
13. História da lembrança, 445

1. História do esquecimento

(*O acidente*)
(*A neve*)
(*A fuga*)
(*1975*)

1.

Medianeira, Paraná, princípio do inverno de 1975: seu acidente foi naquela quinta-feira, disse Curt Meyer-Clason, na manhã do dia dezessete. Com a cara tapada no muro, o pegador contava de zero a cinquenta, enquanto outros se dispersavam e você corria pela escola na tentativa de se esconder. A longa arcada que circulava o pátio em um cinturão estava em obras e seu corpo varava áreas iluminadas pelo sol e obscurecidas pela sombra e você era mais rápido que uma locomotiva e mais alto e forte que uma montanha e seus pulos ultrapassavam poças de chuva tão largas quanto oceanos, então você não viu a coluna que no dia anterior não estava ali. Saindo das nuvens, o sol fez um arco veloz, bateu palmas e desapareceu na escuridão. Acertou a nuca com força no concreto ainda fresco, cercado por tapumes. Teve convulsões e mordeu a língua. Seu calcanhar esquerdo cravou no cimento como a ponta seca de um compasso que hesitasse em girar no mapa, o pé direito chu-

tou loucamente o vazio, parando apenas ao apontar a lua meio apagada no céu e você ser socorrido. Naquele esconde-esconde, a rata sempre lhe dizia, você foi o único a não ser encontrado. Na manhã daquele dia você deixou de ser você, nem sequer tinha completado doze anos e passou a ser outra pessoa. Com a dentada, sua língua ficou bífida como ferrão de aranha, a língua de uma serpente. Uma voz amputada. Alguém contou a você, alguém de quem você não se lembra mais, que depois que se sente, o gosto de sangue nunca sai da boca. Quem lhe disse isso sabia como ninguém. Aquele foi o começo do Ano do Grande Branco.

Esta história é sobre você, mas vai contá-la como se fosse sobre outro. Tem motivos para isso, mais ou menos. Você era procurado pela polícia. A história começou desse modo em 1989, ao mesmo tempo que se encerrava. Fugiu para a Casa do Sol, onde o aguardava o tradutor alemão Curt Meyer-Clason. Era um homem velho, falava demasiado pois tinha pouco a perder, nada além de palavras que não lhe pertenciam, em uma língua que não era a dele. Talvez não fosse quem afirmava ser. Ele não era culpado disso. Ainda em Munique, Curt Meyer-Clason enviou um telegrama, afirmando que ouvira a gravação feita pela rata. Ele mantinha a pequena caixa com fotografias que lhe pertenciam e as exibiria em uma conferência na Casa do Sol. Precisava revelar algo importante, um segredo relacionado à sua origem, um vazio em seu passado: O Ano do Grande Branco. Havia despachado a gravação para Sumidouro aos cuidados de Hugo Reiners. Curt Meyer-Clason a ouvira, você precisava ouvi-la, deveria ouvi-la, você a ouviria a qualquer custo. Ao ser informado por telefonema do perigo que você corria, de sua condição de fugitivo da polícia, ele recomendou que fosse encontrá-lo na casa de campo de sua amiga poeta, a Casa do Sol, o lugar que lhe servia de espaço para con-

ferências desde o fim da Segunda Guerra nas ocasiões em que retornava ao Brasil. Depois você deveria ir a Sumidouro à procura da gravação. *Da capo al fine*, disse Curt Meyer-Clason ao telefone. Antes de ele exibir as fotografias no projetor, você o escutou por horas sob a vigilância da poeta e de seus cães nas eventuais passagens dela nas proximidades da varanda onde ambos se instalaram. Esta história é sobre você, porém é como se a assistisse em um filme cujo ator principal é desconhecido. Era criança demais para ter qualquer papel nos eventos relatados por Curt Meyer-Clason, mas talvez não fosse bem assim, pois qual é a idade necessária para não se ter nenhuma importância em uma história, foi o que você se perguntou então e ainda se pergunta na cabine desta picape rumo a destino ignorado. Qual a importância de um personagem secundário, e o que diria o figurante se um escritor se dignasse a lhe escrever uma só fala que fosse: você não sabe, e por isso ouve esta história como se fosse sobre outro, e não você, aguarda o que esse desconhecido tem a dizer, depois o escuta com toda a atenção, pois ele sabe.

Foi assim que Curt Meyer-Clason prosseguiu com a conversa: você perdeu a memória no inverno de 1975, no dia 17 de julho, a única vez que nevou na cidade em todo o século. Gostaria de dizer que nunca vai esquecer aquele ano, mas já esqueceu e só começa a lembrar o acontecido porque lhe contaram, alguém de cabeça menos avariada que a sua, e porque eu lhe conto agora, disse Curt Meyer-Clason, ninguém mais. Eu ouvi a gravação feita pela rata, e vou lhe contar o que me cabe.

Para você, a verdadeira ditadura militar foi a obrigação de acordar mais cedo todos os dias para cantar o hino à bandeira em ordem unida, a escola foi um maldito Gulag para quem tinha onze anos em 1975, isso sim, e você cantava em silêncio o hino nacional do inferno bem baixinho, cantava só para você. Esse

alguém de quem não se lembra, essa pessoa, o seu antecessor, aquele que antes de você ocupava o lugar de filho dos seus pais, o seu irmão secreto, foi ele quem lhe disse isso, não foi, disse Curt Meyer-Clason sem que você compreendesse muito bem o que ele queria dizer. Ou isto não passa de mais um obscuro movimento em progressão geométrica de sua mente procurando ocupar o vazio, de outra reação dessa parte dominante do homem, dessa mestra do erro e da falsidade, a imaginação. Não passa de mais uma mentira.

2.

Acordar no breu, ainda de noite. A ponta gelada do focinho comprido da rata tocava sua testa no patamar da escada diante da casa de madeira onde viviam, uma espécie de palafita ancorada no barro. O beijo de boa sorte lhes despertava a consciência, e vocês dois saíam meio adormecidos arrastando galochas na lama observados pelos vultos negros das mulas que pastavam no barranco acima, recortados contra o azul-cobalto do céu, o único lugar onde restava alguma vegetação, pois o resto do pasto tinha sido morto pela Geada Negra. Chegavam ao portão da escola tão cedo que eram os primeiros a secar as gotas de orvalho do corrimão com indicador e polegar imitando pernas de um vaqueiro a cavalo, *vuuup*, no instante em que se riscava o primeiro fósforo alaranjado no horizonte. Na entrada, cumprimentos congelados. Depois se separavam ao entrar nas fileiras da ordem unida, se amalgamavam os alunos todos em um só, cuja boca cantava recebe o afeto que se encerra. Tudo estava meio morto no seu peito juvenil, era o que você gostaria de cantar, mas depois que o hino terminava você fazia muito bem em fechar o bico e correr para a classe

sob o olhar dos professores e dos açougueiros. Os alunos pareciam cordeiros brincando de esconder no pasto enquanto o pegador escolhia quem esquartejar. Na travessia do pátio, mal dava para enxergar o verde-amarelo da bandeira tremulando no topo do mastro encoberto pela neblina, e mesmo que fosse possível ver alguma coisa, agora você não lembraria de nada, do cimento da quadra de esportes e suas rachaduras onde nasciam tufos de ervas daninhas ou do marchar das dezenas de solas plásticas dos Congas azuis fazendo *plaque plaque* sobre as demarcações de basquete e vôlei em vermelho e amarelo desbotadas do piso. Era assim que chamavam então uns aos outros, Congas Azuis, seu lugar era no final da fila, bem atrás de outras figuras adormecidas como você, mas é impossível lembrar os nomes deles e não existe mais ninguém que possa elucidar esse detalhe. Ouvi a gravação da rata na fita cassete, disse Curt Meyer-Clason na Casa do Sol, e quando ele disse isso a poeta deixou de alimentar os cães e olhou para vocês, ou talvez apenas para Curt Meyer-Clason, talvez visse nele quem realmente falava naquele instante. Para todos aqueles nas fileiras da ordem unida, com a palma da mão direita sobre o coração, a verdadeira ditadura militar foi a quinta série, disse Curt Meyer-Clason. Mas nenhuma prisão na Sibéria se compara ao que o primário significou para vocês. Na Sibéria não obrigavam prisioneiros políticos de onze anos de idade a estudar educação moral e cívica às seis da manhã. Você esqueceu de tudo, não foi, mas agora gostaria de se lembrar. Pois vou lhe contar, você adorava a ordem unida: aquele era o único momento em que se sentia integrado a alguma coisa. Adorava aquilo, ser programado como um soldadinho de chumbo, ser uma pequena engrenagem da grande máquina de metal. Desejava tocar na fanfarra e vestir uniforme. Mas pense que bom que foi, disse Curt Meyer-Clason, considere só por um segundo

como foi maravilhoso não conseguir mais se lembrar do hino nacional e do hino à bandeira e do hino de país nenhum, muito menos da infância em um país sob regime militar, ou da ditadura da escola, ou mesmo da ditadura da família. Esquecer totalmente de tudo, isto foi bom demais, não foi. E lembrar apenas da neve que caiu no Paraná em 1975.

E por acaso que tipo de situação uma criança de onze anos pode viver que lhe faça falta se for esquecida assim de repente, é o que você se pergunta. Não se vive muita coisa até essa idade, nada que chegue perto da plena consciência conquistada às custas de se envelhecer, e qualquer pessoa comum teria apenas vislumbres ocasionais do periscópio quebrado do submarino de plástico ganho como presente de Natal, do submarino que era um de seus brinquedos favoritos, ou da aranha-caranguejeira que morava em sua teia dentro do Kichute velho durante o inverno, de paisagens em movimento vistas do banco traseiro de automóveis dirigidos por desconhecidos, *da capo al fine*, de estradas de terra e savanas sem fim, de pântanos inundados que ocultavam animais selvagens, dos retalhos de histórias de parentes esquecidos, de soldados alemães perdidos na selva do Mato Grosso, apenas de umas poucas imagens vazias, nada mais. Não estamos inteiramente vivos aos onze anos, não até adquirirmos consciência de nossa sombra, algo que ocorre pouco antes, mas esse também é um evento impossível de se lembrar, em que momento a percebemos, nossa sombra projetada no solo pela luz do meio-dia que nos aquece num dia frio ou colada à parede quando acendemos o abajur um pouco antes de ir para a cama com o primeiro livro que leremos na vida entre as mãos. Esse instante irrecuperável de choque psíquico ao se comprovar a existência da própria massa corporal em conflito com o mundo que nos recebe, essa projeção de nosso outro eu, de nosso irmão sem corpo, de sua

porção mais escura. Ninguém se lembra de como era mamar no peito, qual a sensação, o que também seria algo bom de se lembrar. Mas quem se lembra disso, disse Curt Meyer-Clason. Ouvi dizer que tem gente que mama no peito até depois dos onze anos. Talvez assim.

Acordar na claridade ao ouvir um zumbido distante, um som indefinido que vibrava e se aproximava em ondas, latejando na têmpora. Passos no corredor. Vultos nas vidraças. Poeira soprada em suas narinas. Um pedaço de rosto, dois olhos que se regozijam e então você vai caindo de volta à claraboia, à saída do poço, sendo arrastado em direção à brancura.

3.

Nas semanas que antecederam O Ano do Grande Branco, certos acontecimentos deixaram a família de sobreaviso. O encontro com a aranha foi o primeiro deles. Não fazia muito tempo que tinham se mudado de Cuiabá para Medianeira, no Paraná. Vinham de longe, do ar puro do inferno, pulando de buraco em buraco até chegarem ali. A família não permanecia mais do que dois anos na mesma cidade. Em Medianeira, a casa em que moravam era de madeira, ficava no alto da colina recoberta pela vegetação ressequida. Fazia muito frio, e era um lugar propício à ocorrência de fatos estranhos, pois ali havia um porão. Na varanda dos fundos da casa também tinha um poço que vivia tampado, e coisas terríveis costumam acontecer em casas que têm poços nos fundos. Ainda não conheciam ninguém no lugar, o início das aulas estava longe. Havia um campinho de várzea num terreno baldio não muito distante, e logo nos primeiros dias após a chegada os moleques vieram chamar vocês para jogar bola. Animado com a recep-

ção, você correu a tirar seu par de Kichutes de uma caixa de papelão que não tinha sido aberta e que permanecia escondida no fundo do guarda-roupa.

A terra tinha cor vermelha e metade da população era de açougueiros. Mulheres e filhos de açougueiros compunham a outra metade. Instalaram um grande matadouro por lá nos anos 1960, além do frigorífico na periferia da cidade onde quase todos trabalhavam. Dos morros, a geada era arrastada pelas enxurradas. A vermelhidão da terra se devia ao sangue do matadouro, era o que vocês se perguntavam, todo lugar habitado por açougueiros tem a terra vermelha. Ali a brancura da neve não durava por causa da lama, devido ao sangue. Medianeira era um açougue a céu aberto, a vermelhidão da terra sujava o branco da primeira geada e suas galochas a caminho da escola, pisoteando lama. Em alguns dias era tão espessa que um dos pés ficava retido no chão e vocês chegavam só com o outro pé embarreado na escola. Levavam um par de chinelos na mochila, para que a lama vermelha não se espalhasse pelo piso da classe. Botas ficavam do lado de fora, às vezes pares incompletos, como naquele primeiro dia de aula em que perderam as galochas cobertas de sangue, lama e gelo. Diante das casas havia limpa-pés de ferro para que a sujeira das ruas não enlameasse o piso incólume do interior. Ao voltarem da escola, sempre havia uma folha de castanheira fossilizada nos blocos de barro grudados nas solas de suas botas de borracha.

Quando o sinal tocou, dando início à aula, deu para ver que o pai de um colega de classe tinha só a metade inferior da mão direita, as pontas dos dedos haviam sido amputadas em seu trabalho no matadouro. Ele se despediu do filho e vocês viram seu aceno dividido ao meio que mais parecia um aviso de alerta incompleto ou um pedido de socorro interrompido. Aquele açougueiro nunca iria se despedir inteiramente.

Não é isenta, a brancura, existe nela um elemento perturbador. É impossível lembrar ou mesmo dormir com sua vibração intensa — dizem que cegos veem branco em vez de negro, e que por isso têm insônia. Você vê tentáculos que desejam alcançá-lo, são os braços da família. Então é repelido pela brancura de volta ao fundo do poço cujo diâmetro rapidamente aumenta enquanto você cai.

Morta, a aranha-caranguejeira também era negra. Ficou presa pelo ferrão ao seu dedão do pé, que a esmagou no esconderijo dela no interior do tênis. De onde a aranha saiu, teria acompanhado a família em suas mudanças dos últimos anos. A caixa onde estava o Kichute permanecia fechada. A aranha pegou carona dentro da chuteira até o Paraná, pretendia acompanhar a família pelo resto da vida. Ninguém jogou bola aquele dia. Conheceram o hospital da cidade, onde você tomou soro na veia a tarde inteira. O veneno da caranguejeira se misturou ao seu sangue. A ponta do dedão ficou preta, parecia que ia cair. Não caiu, mas a unha, sim. A aranha não imaginou que seria encontrada.

A velocidade da queda aumenta. Você considera que tudo ficará bem quando atingir a água escura do fundo do poço, uma mistura de lama e sangue. Será como voltar para casa depois de tanto tempo, regressar ao covil da família. Abaixo, o círculo se aproxima com rapidez, e você começa a divisar do que ele é feito. Soltando-se da lama sanguinolenta, as oito pernas cabeludas da aranha-caranguejeira se destacam do fundo viscoso do poço escuro.

4.

Na manhã do acidente que deu início ao Ano do Grande Branco, a rata se preparava para assar o cordeiro temperado com limão e alecrim no forno, um que não escapou ao açougueiro, quando ouviu estouros do motor do carro que brecava e berros vindos do portão da frente da casa.

Ao sair, a rata se deparou com a Kombi pilotada pela madre superiora que dirigia a escola. Parecia descabelada, mesmo usando véu. De cócoras na caçamba (os bancos haviam sido removidos para carregar mantimentos), duas outras irmãs apoiavam-se com braços estendidos e mãos encostadas uma no ombro da outra. Apesar de serem normais elas lembravam corcundas, já que a altura do compartimento não era suficiente para que permanecessem erguidas no interior da perua. Arrancadas de seu empertigamento habitual, pareciam mais simpáticas. Conforme a rata se aproximou, viu o que se esparramava no piso de borracha da Kombi, aos pés das canelas não depiladas das freiras: era você, deitado em posição de ave abatida em pleno voo. Um fiapo de sangue escorria do canto esquerdo de sua boca. Estava inconsciente.

Não esperava por essa, esperava, quis saber Curt Meyer-Clason. Quem obrigava vocês a cantar patriotadas de milico às seis da manhã na escola não era um general ou coronel, também não eram sargentos ou cabos, nem sequer um soldado raso, mas a madre superiora com suas sandálias franciscanas e meias, vestida com seu hábito preto como o cotovelo do corvo. Nada de reluzentes uniformes militares verde-oliva ou coturnos. Era compreensível que não tivessem esperanças, as pernas cabeludas das freiras lembravam as da aranha (só na capilaridade; as freiras tinham menos pernas que a aranha).

Com a rata a bordo, a Kombi zanzou pela cidade até encontrar o seu pai na esquina do Banco do Brasil e daí dispa-

rou em direção ao hospital. O número de corcundas no interior da caçamba aumentou para quatro, o seu pai, a rata e as duas freiras, todos à sua volta, desmaiado no piso coberto pelo tapete de borracha ainda molhado do suco da melancia que a Kombi transportara para servir na merenda. Naquele ano as aulas haviam se estendido, parecia que não iam mais acabar. Pela posição em que estavam, vistos do lado de fora pelos moleques da vizinhança que interromperam a partida no terreno baldio à passagem da Kombi (alguém bateu o pênalti ignorado pelo goleiro distraído), o seu pai, a rata e as duas freiras enlutadas dentro do carro pareciam uma enorme aranha-caranguejeira em alguma tramoia contra o mundo e sua realidade insuportável, uma aranha gigante dentro da Kombi a oitenta quilômetros por hora, enquanto a madre superiora calcava a sandália no acelerador e a rata chorava, pensando que os restos de melancia eram pedaços do seu cérebro.

Nos dias que se seguiram ao acidente, você continuou desmaiado. Teve convulsões, o que obrigou a rata a passar noites ao pé da cama da Unidade de Terapia Intensiva. Depois dos exames, souberam que você sofreu traumatismo cranioencefálico e teve de ser induzido quimicamente ao coma até o cérebro desinchar. Seguidas convulsões complicaram seu quadro clínico, e o hospital convocou às pressas o neurologista da Santa Casa de Cascavel. Devido ao nome da cidade vizinha, pareceu razoável a expectativa de que aparecesse um médico com cabeça escamosa de víbora e cauda de chocalho, e a rata e o seu irmão secreto não largaram de sua mão um só instante. Nas três noites em que você permaneceu desacordado, o seu pai sumiu. Quando chegaram notícias dele, você não sofria mais risco de vida. Na noite anterior à sua alta do hospital você viu um índio, mas estava de olhos fechados. Aconteceu no meio da noite, a rata dormia na poltrona ao pé de sua cama,

parecia estar tendo um pesadelo. Ao acordar, a rata viu um índio em pé ao lado de sua cama, olhando para você. Era um índio albino, muito velho, e ele soprava pó de pyhareryepypepyhare da palma da mão dele sobre o seu rosto, algo que penetrou suas narinas. A rata sentiu uma leve tontura ao se erguer, e foi o tempo de o índio albino sumir pelo corredor do hospital. E o Ano do Grande Branco enfim começou.

As pernas da aranha se descolam por completo da viscosidade do fundo do poço. Agora é possível ver os pelos empapados de um sangue tão denso que leva milênios para gotejar no seu rosto, agarrado que está ao corpo dela. Então você se lembra que aranhas têm hemolinfa, e não sangue. Percebe que o sangue é seu, só pode ser seu. Não é suco de melancia. O sangue nas mãos. Mas talvez você também não tenha sangue como a aranha, tenha apenas hemolinfa, que é um troço nojento pra caramba que o organismo da aranha bombeia lá dentro dela. Na verdade você considera que talvez seu corpo esteja inteiramente preenchido por hemolinfa, sem órgãos internos nem ossos ou carne, somente hemolinfa, e é isso que faz com que você corra por aí metendo o crânio em colunas de concreto recém-construídas e enfiando o bedelho onde não deve, com as mãos sujas de sangue e suco de melancia. Você olha a carne calcinada em volta do buraco preto que solta um líquido vermelho e nada vê lá dentro, está vazio lá dentro, não tem nada lá dentro, nenhum órgão, nenhuma víscera ou coração, nenhuma lembrança, apenas um corpo caído na neve suja de sangue. Talvez você não passe de uma aranha peluda cheia de hemolinfa transparente, é isto: talvez não passe de um invertebrado, algo muito próximo de uma barata, um ser bem desprezível mesmo, uma praga, alguma coisa minúscula que caiu da mudança no meio da viagem, como um vira-lata perdido, um cão sarnento que não sabe voltar para casa, tão ruim quanto um cachorro quente sem salsi-

cha, um carrapato que caiu do pelo imundo do cachorro, seu sanguessuga nojento, talvez não passe de um verme perdido no labirinto do cérebro de alguém que comeu carne de porco contaminada pela cisticercose. Isso tudo passa por sua cabeça avariada bem na hora em que você acorda e lá estão a rata, seu irmão secreto e o seu pai em volta da cama. Ao lado deles tem um homem vestido de branco, o dr. Cascavel. Mas o seu irmão está ou não está ali, você não se lembra mais dele nem da aranha, você os vê mas não faz ideia de quem sejam, de quem foram. Olha para a rata e o homem que se diz seu pai e acha tudo muito estranho, disse Curt Meyer-Clason. Quem são esses, é o que você se pergunta. É como se nunca tivessem existido, o seu irmão secreto e a aranha e o índio albino que soprou pyhareryepypepyhare em suas ventas no hospital, você fecha os olhos de novo para verificar se não continua em coma. Você se esconde debaixo das pálpebras até todos irem para casa. Você se esconde até todos esquecerem de você. Você se esconde até todos morrerem. Mas quando levanta as pálpebras, eles continuam lá. Aqueles desconhecidos o encontraram.

Quando abriu os olhos, disse Curt Meyer-Clason, a rata contou que você foi o único a não ser encontrado naquele esconde-esconde.

5.

Nevou no dia em que você recebeu alta do hospital. Foi a única ocasião em todo o século que caiu neve no Paraná. Assim começou o Ano do Grande Branco. Era inacreditável, e a Variant do seu pai quase atolou naquele lamaçal de gelo ao voltar para casa. Parecia feriado na vizinhança, e as crianças arremessavam bolas avermelhadas de neve umas nas outras, entre as

ameixeiras e os cercados dos quintais. Na praça da igreja, uma Ford Rural se descontrolou por causa do chão liso e se chocou contra o poste, que soltou fagulhas elétricas. Um homem morreu, já pensou, morreu por causa da neve que caiu em um país tropical. Que morte mais gloriosa. Essa Ford Rural vai continuar a se espatifar ao longo desta história em diferentes ocasiões e cenários, disse Curt Meyer-Clason. É uma recorrência, um sinal de que sua memória está voltando, de que você está voltando a se lembrar. Depois de arremessar o jornal na varanda da casa da colina, o entregador largava sua bicicleta no chão e admirava com ar de felicidade as palmas sujas de gelo de suas luvas de couro. O entregador de jornais largava sua bicicleta no acostamento e admirava as palmas de suas luvas de couro manchadas pelo gelo imundo. O impacto da bicicleta caindo, amortecida pela neve fofa fazendo *pófe* e se repetindo e fazendo *pófe* de novo e mais uma vez. Depois disso, o entregador de jornais vai olhar novamente para o couro de suas luvas e sorrir seu sorriso enregelado. Outra recorrência de que você se lembrará dezenas, centenas, milhares de vezes. Mais um sinal de que sua memória começa a voltar. No carro, girando o dial do rádio, a rata se perguntou se as Cataratas do Iguaçu teriam congelado. Ficavam a menos de cinquenta quilômetros dali, as Cataratas do Iguaçu, podíamos ir até lá conferir, ela disse, as Cataratas do Iguaçu imobilizadas no espaço, as águas interrompidas em plena queda, é como se o rio do tempo congelasse. As Cataratas do Iguaçu congeladas. Como se o tempo parasse. Por isso esta história está em pane. O tempo congelou, e o início e o final dela se embaralham. O seu pai resmungou, girando o volante tão bruscamente que fez os pneus guincharem no asfalto molhado. Disse que precisava ir ao banco trabalhar. Ouviram a voz do locutor da rádio de Foz do Iguaçu que aparecia, transmitindo notícias do frio em meio à tempestade de estática, depois sumia. Desde então as

cataratas congelaram na cabeça da rata, disse Curt Meyer-Clason. Mas você não viu nem ouviu nada. Continuava meio adormecido no canto, a cabeça encostada no vidro trepidante da janela, e ao seu lado o lugar de seu irmão no banco traseiro do carro já antecipava o vazio. Naquela manhã e na próxima e também na outra você não cantou hinos em silêncio nem assistiu às aulas de educação moral e cívica que começavam antes de amanhecer o dia. Ou talvez tenha assistido e não se lembre mais, afinal quem se lembraria de aulas sobre esses assuntos dadas na total escuridão.

O cheiro de cordeiro no forno lhe despertou de novo dois dias após a alta do hospital. Você retirou os pés de debaixo dos cobertores sintéticos que o pinicavam, deixando sua pele irritada, e pisou no chão. As tábuas rangeram suavemente à sua passagem quando começou a caminhar. A casa recendia a peroba úmida, a madeira fresca. Podia ser perigoso atravessar o corredor arrastando as pontas dos dedos das mãos nas ripas verticais das paredes de madeira. Vocês perderam a conta das farpas que enfiaram sem querer sob as unhas ou na polpa gorda das digitais, mas você não lembrava disso, não se lembrava de coisa nenhuma, e sentiu uma farpa entrando debaixo da unha do indicador. Não passava de um corpo infantil que se movimentava, meio oco como a morte, guiado por espasmos musculares e a cabeça esvaziada, sem ouvir a própria voz, chupando a hemolinfa que saía da ponta de seu dedo. Não se lembrava de seu irmão, do índio albino do hospital, da aranha, da coluna de concreto e do esconde-esconde em que não foi encontrado. Não sabia se continuava escondido ou se tinha sido descoberto. Se eles, os que permaneceram escondidos e os que foram pegos, haviam morrido. Não lembrava o que fizera no dia anterior. Talvez quem estivesse morto fosse você e não eles, os desconhecidos. A casa era escura, disse Curt Meyer-Clason, mal iluminada por treliças que

obrigavam a luz a se esquivar para invadir a área dos fundos, onde existia um poço na varanda de piso de vermelhão escorregadio, mas ao acordar você não sabia de nada disso, a planta da casa fora apagada linha a linha de sua cabeça, cômodo a cômodo, parede a parede, assim como tudo o que aconteceu nas vinte e quatro horas que antecederam seu despertar e nos dias que passou inconsciente, e então você deu uma espiadela na cortina plástica com cavalos-marinhos do boxe do banheiro, deviam ter esquecido de retirá-la, e deu meia-volta, desviando em direção à sala. Diante da janela, margeou o aparelho de tevê colocado ali sem objetivo muito claro, a não ser pelo fato de o homem que se dizia seu pai tê-lo ganhado em uma rifa, a transmissão de tevê não alcançava nenhuma das cidades onde haviam morado até então e o aparelho jazia na mesinha da sala como uma prova da longínqua existência da civilização, algo que olhavam de vez em quando só para se depararem com seus olhos presos nas profundezas do tubo apagado. Totens, objetos sagrados, janelas para outro mundo. Contudo, um pedaço de Bombril permanecia preso à antena à espera de que um dia a tevê pegasse. Aquela bucha de palha de aço representava sua fé no futuro. Você olhou os demais cantos da sala abarrotada de caixas de papelão fechadas, sacolas com roupas, poltronas protegidas por cobertores fedorentos utilizados pelo caminhão de mudança, o sofá ainda desmontado, janelas sem cortinas, e isto foi tudo o que encontrou: coisas provisórias em estado impermanente de uma residência em trânsito. Nas paredes não se penduravam retratos, nem mesmo os mais comuns nos anos 70, uma criança exibindo quatro caretas diferentes, sorrindo, chorando, olhando para baixo, olhando para cima, e na cômoda não chovia arroz na fotografia de um casamento qualquer. É claro que esses retratos tinham estado lá ao menos por algum tempo, bastaria você notar as marcas na poeira sobre a cômoda deixadas pelos porta-retratos

retirados durante a noite por alguém que preparou apressadamente aquela mudança mas esqueceu a cortina de cavalos-marinhos no boxe do banheiro e o Bombril na antena. Esqueceram algo mais importante que isso, disse Curt Meyer-Clason, algo que ficou misturado ao sangue e à neve no fundo do poço do quintal da casa. Essa bagunça organizada, como a rata dizia, era o retrato do nomadismo familiar.

É difícil saber como isto começou, como os primeiros móveis encaixotados surgiram, qual teria sido o mecanismo a fornecer o impulso inicial, a dar partida em uma existência em fuga. Em algum instante do passado o seu avô saiu de um vilarejo obscuro do nordeste da Alemanha, depois passou pelo Chaco paraguaio, por San Bernardino e Nueva Germania, por Buenos Aires, chegando ao Mato Grosso, uma jornada que culminaria na rata, em Karl e Hugo, em seu irmão secreto e finalmente em você. O seu pai não, esse já se encontrava em alta velocidade, filho de espanhol que fugiu da miséria da Extremadura e da Europa do pós-guerra, transformando-se em maquinista de trem do Tronco Oeste da Paulista nos anos 1920, sempre em disparada através da serra das Esmeraldas, em direção ao rio Paraná e de volta, ao longo de quarenta anos indo a Itirapina e voltando, no meio de tiros e revoluções. Não havia nada de heróico nisso, a não ser que o verdadeiro heroísmo se encontre em decisões tomadas para escapar da morte, até parar de decidir qualquer coisa e afinal morrer em repouso, enquanto seu filho continuou a prosseguir de cidade em cidade, herdando o movimento do próprio pai, até cruzar com a rata, até dar em você, na aranha, no Ano do Grande Branco e em seu triste final.

A família fugira de Cuiabá antes de chegar a Medianeira. Não sabiam qual era a profissão do pai de vocês. Ele dizia que trabalhava no Banco do Brasil. Mas que criança se importa

com o que o pai faz, o trabalho não passa de uma desculpa pela ausência prolongada dos adultos, disse Curt Meyer-Clason, o abracadabra que faz alguém desaparecer por tantas horas. Será possível aos onze anos de idade compreender o que é um bancário, hein. A VW Variant, com seu nome tão apropriado, era o emblema familiar. É difícil agora não pensar no ditado que diz que pedras que rolam não criam limo. Não tem nada de positivo nisso, se parar para pensar, a não ser que você seja um cantor de blues do Mississippi ou algo assim, porque o tal limo representa aquilo que vocês dois nunca tiveram, amigos de infância e também bugigangas esquecidas dentro de gavetas de criados-mudos, soldadinhos de chumbo sem cabeça, e a sorridente lontra de plástico, gibis de capa arrancada, botões de camisa perdidos, baralhos com cartas faltantes, porcas e parafusos, clipes, ímãs, tabuleiros de ludo sem peças, dados com números gastos que servem apenas para derrotas, brindes, chaveiros sem chaves e chaves que não cabiam em nenhuma fechadura, pois a rata aproveitava cada mudança para jogar tudo isso fora, nas lixeiras de beira de estrada, era melhor não deixar rastros, a rata dizia, é preciso seguir adiante e deixar o caminho limpo atrás de nós, dizia a rata, para que não nos encontrem nunca. O seu pai dizia que de parente é sempre bom manter distância. Parente é serpente, ele dizia, e você procurava escamas na pele dele.

6.

No entanto, ao acordar dois dias após receber alta do hospital, você vagou pela sala examinando caixas, embalagens e gavetas vazias, abriu a porta da frente e chegou à varanda, disse Curt Meyer-Clason, encostando nas ripas lascadas da balaustrada

onde a ventania tocava gaita. A luminosidade lhe pareceu tão forte que você fechou os olhos, permitindo que a dor se abrigasse bem no fundo de seus globos oculares. Era como se Deus tentasse arrancar seu cérebro pelo rabo, e você cambaleou para trás, obedecendo ao puxão. Assim que a tontura passou, deu um passo adiante e se apoiou no parapeito alto e com uma quina partida de onde era possível, se ficasse na ponta dos pés, acompanhar a ladeira que descia até a escola, um rio de lama que escorria até a classe de educação moral e cívica. O dia não tinha nuvens, mas não foi a claridade do céu que o impediu de abrir os olhos, e sim o sol refletido na neve. A rua em frente estava coberta de neve. Você sentiu vontade de fugir, foi como se o inverno inteiro se prendesse à sua traqueia e o emudecesse. Você tossiu, mas o inverno continuou lá, atravessado na garganta.

Ah, de volta da terra dos mortos, você ouviu alguém dizer à sua esquerda. Até entendo ter viajado pra lá, esse mesmo alguém continuou, sei que o mundo dos vivos não tem te tratado muito bem nos últimos tempos, você ouviu que a voz falava. Olha só esse frio. Ainda está se sentindo meio tonto, esse alguém disse. Deve ser efeito do remédio. Não vá cair de cara lá embaixo, vira picolé na hora. E suspirou: que frio. E pensar que ontem eu estava no Mato Grosso, a voz disse. Sem mentira, lá fazia quarenta e quatro graus. Era a voz de um homem. No canto esquerdo da varanda, bem no ponto em que dava para ver no horizonte, o vapor subindo do curtume e a visão da cidade meio encoberta por galhos ressequidos das ameixeiras sobressaindo de um recôncavo cuja coloração comumente se podia associar à merda, bem marrom, havia um homem sentado na cadeira de balanço que rangia, indo para a frente e para trás. Enrolado em pelo menos dois cobertores, apenas o nariz vermelho dele parecia visível, confundindo-se com a brasa do cigarro que fracassava na tentativa de elevar a temperatura do

lado de fora do rocambole que o envolvia. Evidentemente, você não se lembrava de quem era. Que gelo, ele disse, e que droga de fim de mundo é este onde vocês vieram parar. E como poderia lembrar de seu tio Hugo Reiners, se nunca o tinha visto antes. Baixando os olhos, notou que ele apoiava sua escopeta de dois canos entre as pernas, e o dedo indicador dele se agitava no gatilho, trêmulo de frio.

7.

Na manhã seguinte à nevasca de 1975, Hugo Reiners apareceu em Medianeira com sua picape, disse Curt Meyer-Clason. Caixas e móveis foram retirados da casa e instalados por ele na caçamba em menos de duas horas. Quando apareceu no hospital, o seu pai tinha hematomas no rosto e o braço esquerdo quebrado na altura do cotovelo. Estava sumido desde a noite passada. Com a chegada de Hugo, a família partiu no meio da noite, ou ao menos vocês partiram, o seu irmão ficou para trás. Esquecido, abandonado. Às três horas da madrugada a escuridão se encaminhava para o cobalto e logo uns flocos brancos caídos do céu se tornaram translúcidos contra a luz dos postes que se repetiam iguaizinhos, ao longo da avenida principal da cidade, até chegarem ao poste semiderrubado pela Ford Rural em frente à igreja no mesmo instante em que todas as lâmpadas se apagaram. Deus e sua pontualidade costumeira, o céu, a neve e os destroços de um acidente automobilístico. Era um belo cenário para uma fuga, vocês ali, encobertos pelo passado que o céu representa, sob as luzes das estrelas emitidas três anos antes, debaixo de toda aquela luz morta. Os ipês-rosas do jardim em volta da igreja já não tinham a mesma coloração diurna, misturados à neve que cobria a folhagem das árvores. Mais adiante,

acima do muro da escola, a bandeira nacional não estava no topo do mastro. Alguns dias antes, e a rata e o seu pai teriam torcido para que continuasse sempre assim, e que aquela bandeira não fosse içada nunca mais. Então pouco importava. Atingiram a rotunda da saída, cruzaram a ponte, tomaram a rodovia e o seu pai continuou a seguir a picape de Hugo por mais seiscentos e tantos quilômetros sem olhar para trás. Ele dirigia só com a mão direita, o braço esquerdo engessado ia apoiado na janela. Quase morreram de frio, disse Curt Meyer-Clason. No banco dianteiro, a rata tiritava ao servir café ao piloto endurecido pelo vento. O dia amanheceu e derreteu a neve, que virou lembrança para os que ainda se lembram (não é o seu caso), misturando-se à lama, que escorreu dos acostamentos, sendo engolida pelo pasto, entrando para a história. A paisagem foi se transformando, os campos geados do Paraná começaram a desaparecer, enquanto surgiram os primeiros matos-carrapicheiros e touceiras de capim-limão do Mato Grosso. A rata disse: acabamos de entrar em terras castelhanas. Quando ela apontou o gavião-de-aruá no topo da palmeira, o cheiro de bocaiuva empesteou o ar, sendo logo substituído no banco traseiro pelo fedor de vômito acumulado que subiu do estofado. Você imaginou conquistadores espanhóis perdidos no Pantanal, e Cabeza de Vaca com febre em meio à mata, enquanto Ulrich Schmidl von Straubingen fazia o retrato dele. Migalhas de bolachas espetavam a parte de trás de suas coxas, mas isso não parecia incomodar, e você olhava meio tonto pela janela à procura de placas para ler. Shell, bem-vindo ao inferno. Exceto pelos sinais de trânsito nas imediações de alguma cidade, havia pouco o que ler naquele novo cenário. E você precisava ler, nem que fossem placas de serralherias, borracharias e anúncios de óleo nos postos de gasolina. Tabuletas foram o seu beabá, a rata lhe disse um dia, você se alfabetizou em movimento. Um cavalo morto esticou as patas

entre o acostamento e a estrada. Com um toque no volante, o seu pai desviou do animal. A alguns quilômetros, surgiu outra carcaça e três urubus empoleirados nela. A sucessão de gado putrefato prosseguiu, mulas de ventre inchado e animais atropelados, o que definitivamente indicava que haviam chegado ao Mato Grosso. Os cadáveres permitiam uma espécie de leitura, assim como suas tripas esparramadas pelo asfalto — ao analisá-las, o futuro parecia bem previsível, ainda mais se comparado à obscuridade do presente do Ano do Grande Branco.

Naquela fuga cujo motivo você desconhecia, através da noite como se falasse em sua vigília para que despertasse de um pesadelo ou do terreno dos mortos, a rata contou a você a história de Karl Reiners perdido no Pantanal em 1964 e do encontro dele com o bioquímico alemão, além das coincidências envolvendo o marinheiro Kurt Meier e o espião Curt Meyer-Clason aprisionados na Ilha Grande ao final da Segunda Guerra. Mas aquelas narrativas todas apenas o levaram a suspeitar das intenções dela, disse Curt Meyer-Clason, pareceu-lhe que a rata apenas o distraía de segredos mais importantes, preenchendo um ano vazio de fatos como se substituísse as entranhas de um cordeiro eviscerado com palha e formol em vez de lembranças.

A rata o tratava bem, disse Curt Meyer-Clason, mas você a odiava, pois sabia que ela estava mentindo.

8.

Você viu a neve.

Você sofreu um acidente.

Você perdeu a língua, e ainda assim falou.

Você atravessou o pântano no banco traseiro do carro dirigido por um desconhecido no meio da noite.

Você foi com os mortos, não pensou em si mesmo.
Você não tem pai nem mãe.
Você foi tolo.
Você sofreu um acidente.
Você atravessou o Ano do Grande Branco.
Você permaneceu.
Quem é você.